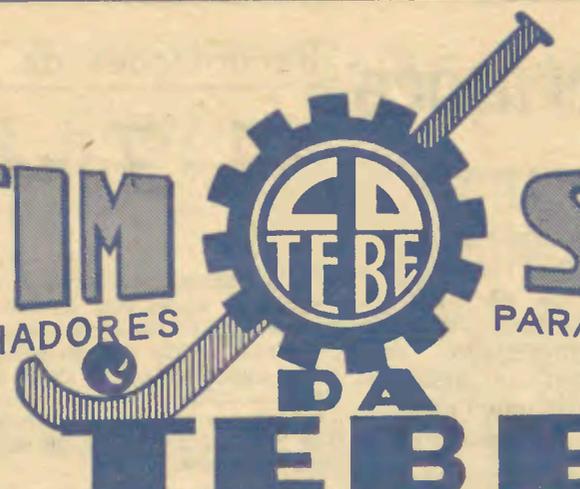


C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Londres e as suas feridas

Por E. W. O.

Inédito para o BOLETIM SOCIAL DA TEBE (Tradução de F. S.)

DEPOIS de ter vivido os maiores tormentos da passada guerra nas Ilhas Britânicas, voltei, de novo, para a Austrália. Hoje, porém, eis-me de novo em Londres e tudo parece insuflar meus olhos e mais sentidos numa paisagem de bombas, de incêndios, de fome, de desolação e de tristeza.

Eis-me de novo na «City». E a título de lembrança vou escrever, com simplicidade, algumas recordações, que os olhos e os nervos não conseguirão esquecer.

*

A «City», ou seja o coração londrino, viveu dias e noites envolto do pesadelo das bombas incendiárias e mortíferas, das derrocadas e brechas, dos incêndios e lágrimas, do sangue derramado e do luto, da crença e da esperança...

A «City» do five o'clock tea teve de despertar rápida e enérgicamente, do seu habitual e tradicional modo de viver. Londres alterou a sua inércia manifesta e tipicamente tão sua...

Mas mesmo com uma aparente alteração, filha duma guerra preparada para actualiação rapidíssima, os londrinos sentiram, suportaram e viveram os raides com uma fleugma quase enervante, que nos fazia cismar por longo tempo.

As bombas caíam, as casas tombavam, os mortos eram levados, e tudo se passava de baixo de ordens que não se discutiam, porque eram ordens de quem sabia ditá-las...

O racionamento foi respeitado no máximo, e tudo correu normalmente dentro das determinantes salvadoras dum país que era mister preparar rapidamente para não sucumbir de todo...

E a população de Londres foi-se habituando a conviver com as bombas e ruínas, como se um estigma constante viesse quebrar para sempre a calma pacata duma burguesia secular... Mas os londrinos sabem privar-se até do indispensável, quando a Pátria precisa desse sacrifício colectivo... Tudo se passou assim em Londres e vasto império... Tudo por todos e a Pátria será de Sua Majestade e dos seus subditos.

*

Tudo mudou em Londres afinal: os hábitos e as preocupações, os jardins e as escolas, as fábricas e as oficinas, os hospitais e os hotéis... tudo teve de evoluir na trajectória instantânea da sobrevivência dum Povo.

As bombas incendiárias modificaram, de certo modo, a paisagem de Londres. E as feridas, batidas pelo Sol e pela chuva, pelo vento e pelo pó, foram criando musgo, englobando-se lentamente na própria fisionomia do burgo. Quer dizer, as feridas de Londres ficaram, em parte, abertas aos olhos dos novos, para eles se recordarem dos sacrifícios e privações, que a guerra — com seus espectros criara... É uma lembrança e, ao mesmo tempo, um aviso.

BOW CHURCH, envolta pelo fogo duma bomba incendiária, mostra-nos hoje, com a nudez da verdade, a sua própria alma, que outrora não conseguíamos adivinhar.

A Catedral de S. Paulo, sublime e austera nas suas linhas arquitectónicas, atingida também durante a guerra, continua ainda dominando, altiva e majestosa, toda uma série de casario.

(Continua na página 8)

AS «ALMINHAS»

POÉTICA DEVOÇÃO DA ALMA CRISTÃ PORTUGUESA

SÃO verdadeiramente estigma da piedade e religiosidade portuguesa as alminhas ou nichos, que à beira das estradas e caminhos se disseminam e polvilham o chão pátrio. Não enxerguei por terras alheias, estranhas à influência lusitana, vestígios tão expressivos da devoção entranhada às almas do Purgatório. É acrisolada e arreigada a Fé que assim se manifesta em pujança e propaganda. Um nicho com o painel das almas entre labaredas, encimadas pela Senhora do Carmo ou Jesus Crucificado, é um despertador da Fé, é um clamor e um brado, é um convite e um estímulo à oração e à esmola em dinheiro para missas, que se hão-de celebrar pelas que estão em pe-

nas expiando. A piedade pelas almas, verdadeiramente católica, enraizou no coração do povo português e é um sustentáculo poderoso do Supernatural, que raro sossobra definitivamente, antes, como as brasas sob cinzas, se aviva ao mínimo sopro, quando aparece extinta.

É ver as igrejas regorgitantes de frequentadores bem como os cemitérios, no dia de *Fiéis Defuntos*.

É ver como pelo menos se mandam celebrar missas de sétimo, trigésimo dia e aniversário do passamento daqueles que a morte vai arrebatando nas famílias.

E Deus, que suscita apóstolos para todos os altos ideais,

(Continua na página 8)

Testamento

Inédito de Sollmar de Oliveira

*Eu parto... Ocaso... Tenebroso inverno!
— Onde abismar-me mais a mais? Invado,
do céu distante quanto mais sagrado
o cósmos todo procurando o Inferno!*

*Ocaso... Eu parto como o deserddado,
para ocultar-me no esplendor eterno:
— Rotos andrajos, vagalhões do Averno,
deixo-os abaixo do ideal sonhado!*

*O nada é a vida que me impele à vida!
E eu tenho os olhos como vós imersos
no nada eterno da eternal subida...*

*Eu parto... Ocaso pelo céu desnudo:
— deixo aos meus filhos os meus tristes versos,
e deixo aos homens o meu ódio mudo!*

Breves Considerações

O CAPITAL E O TRABALHO

QUANDO alguém estabelece um plano de actividade e pensa erguê-lo e equilibrá-lo, tem, necessariamente, de possuir numerário para poder actuar. Mas, se inicialmente não tem esse numerário base para alargar e dinamizar seus planos de produção, terá, por força das próprias exigências de momento, de procurar esse dinheiro imprescindível para a causa em questão.

Ora, o capital, na actividade individualista atinge, como é óbvio, uma função unilateral e, portanto, improfícua. Mas se o capital for entregue a um bloco de produção, criteriosamente dirigido, terá uma finalidade mais ampla, mais lucrativa, mais humana, enfim, mais social.

Pois bem! Será sobre esta última faceta que faremos incidir a lupa e o bom senso das nossas limitadas e superficiais considerações. Já porque o assunto tem de ser tratado leve e superficialmente, já porque a questão, em si, apresenta, por vezes, uma série de incógnitas e, simultaneamente, um campo vasto para especulações apriorísticas.

É somente baseado em dados mais ou menos concretos que vamos desenhar alguns passos e movimento do capital e trabalho.

*

Desde os tempos mais recuados da história que apareceram sempre os iluminados e também os visionários e utópicos, que ousaram trazer para o plano do capital e do trabalho uma infinidade de teses, por vezes embrionárias e cujas soluções por utópicas e irracionais se perderam na poeira dos arquivos.

As injustiças sociais foram de ontem, infelizmente são de hoje e, para mal da sociedade, parecem continuar a persistir para sempre, porque o homem, egoísta por natureza, não compreende o desejo comum da libertação colectiva; mas antes enferma arvorado em senhor, esmagando tudo e todos, pensando em si somente, dispersando fumaças de democrata que não é, e crendo num Deus à sua maneira materialista e pagã... O Deus dele não conhece a dor, a miséria e a fome, que inunda ainda a estrada esburacada e incerta deste caminhar, chamado vida.

O capital tem uma função enquanto o seu valor e o seu domínio actuam a bem da colectividade, isto é, reagem a favor da família, da aldeia, da cidade, da Nação.

Por outro lado, o capital, reage originando trabalho e este, como é intuitivo, aumenta e valoriza a produtividade, o bem estar, o melhor nível de vida e

a maior grandeza e prosperidade do Estado.

O comunismo, palavra que já vem de longe, não resolverá jamais o problema da equidade humana nas relações colectivas de patrões e empregados; mas antes estabelecerá um desequilíbrio humano-económico no campo restrito do interesse individualista.

Mas o que é evidente e se torna necessário é pensar maduramente no desequilíbrio instável que o trabalhador encontra no futuro que se apresenta incerto e quase sempre escuro...

O problema social, ligado ainda ao capital e trabalho, tem de encarar, com veracidade, o magno, o grande problema da *familia*. É sempre o ponto nevrálgico das angustiantes e sempre indomáveis marchas do desespero... cujo objectivo terá de ser encontrado ao longo da linha humana do bom senso e da justiça.

Acreditamos que a revolução continua enquanto houver um lar sem pão... Acreditamos também que a Previdência tem de modificar-se, no que tem de abstracto, de fictício, para desviar do nosso cérebro as dúvidas inquietantes de pensamentos tormentosos.

Cristo, o fomentador altivo e sublime do socialismo mais amplo, não recuou um milímetro as suas considerações, que ontem como hoje são cada vez mais oportunas.

«É que Cristo, Ele, um humilde, escolhendo os seus apóstolos também entre os humildes, exaltando os pobres e abatendo os grandes e poderosos da terra, teve uma influência decisiva na propaganda da sua sublime doutrina». «/AMAI-VOS UNS AOS OUTROS COMO A VÓS MESMOS/». Eis a maior máxima do amor universal.

O capital funciona como força geradora, e o trabalho como força produtiva; logo ambas elas se tornam necessárias para o bom equilíbrio entre dirigidos e dirigentes.

A repercussão económica do fomento nacional com a introdução da mão de obra nacional e capitais de várias procedências, certamente abrirá novos horizontes ao panorama económico-social de Portugal Continental, Insular e Ultramarino.

Para tanto, estatuiu já o governo uma série de planos de *fomento nacional* através dos seus diversos departamentos.

Esses planos foram inaugurados com um discurso proferido por Sua Ex.^a o Senhor Presidente do Conselho em 28 de Maio de 1953. Entre outras palavras afirmou: «A necessidade de planos na administração e na economia é filha da grandeza e complexidade das tarifas colec-

Recordações da Argentina

A «Fonda del Cocodrilo»

Por MANUEL A. VIEIRA

«Em Buenos Aires passei a melhor época da minha vida, de 1903 a 1916; treze anos de emoções e grato convívio com alguns compatriotas e amigos, que a traçoira Parca já levou para o além! Foi esta saudade que me levou a escrever as «Recordações da Argentina», antes que a amnésia me atacasse».

Estas palavras do autor das crónicas cuja publicação iniciamos hoje e que respigamos numa carta por ele enviada ao nosso director são tão ilucidativas que dispensam qualquer introito.

Um passeio domingueiro com os seus melhores amigos pelo (ainda hoje!) pitoresco bairro da Boca — eis o tema do primeiro relato, escrito quase meio século depois de efectuado. Revelemos, desde já, que, deste alegre passeio, resultou a organização da primeira festa social feita por portugueses em Buenos Aires. E agora a crónica:

NUM dos subúrbios da cidade de Buenos Aires, no bairro da Boca, mesmo em frente ao cais do Riachuelo, onde está sempre atracada uma infinidade de barcos à vela, de alto bordo, que por o seu frete ser mais barato, são contratados para conduzir até ali mercadorias de toda a parte do mundo, havia naquela época a *Fonda del Cocodrilo*, propriedade de italianos, que gozava da fama de lá se comer e beber bem e por pouco dinheiro. Como tabuleta, tinha na porta um enorme crocodilo seco em imitação perfeita, de lata.

tivas que os aumentos demográficos e os altos níveis de vida das populações impõem aos Estados modernos». E Sua Ex.^a, mais adiante, diz que o programa será levado a cabo adentro das causas económico-sociais, base financeira do plano, base metropolitana e ultramarina da economia nacional, capitais nacionais e estrangeiros para execução do plano-integração dos últimos na Economia Nacional, a indústria e agricultura no plano e a iniciativa privada.

Foram estes títulos que consubstanciaram nas suas linhas mestras os princípios substanciais e imediatos que inspiraram o Plano de Fomento.

Subordinou depois as condições da execução do plano dentro dos seguintes pilares: Paz externa, estabilidade económica, disciplina administrativa.

O Sr. Ministro da Economia focou depois, num discurso, também no Palácio Foz, a «Electricidade no Plano de Fomento». Sobre este aspecto, quando o volume de produção de energia aumenta, parece-nos, não sei se bem, que deveriam diminuir de preço as tarifas provenientes do consumo de electricidade, de molde a beneficiarem o pobre

Os amigos Rufino, Esmeraldo e Mário Viana convidaram-me a ir um dia com eles, a título de extravagância, conhecer e saborear a verdadeira comida italiana que é sempre melhor feita, diziam, quanto mais baixa for a categoria do restaurante ou estalagem.

A ementa era composta de *ravioles, nhoques, talharines, polenta* com passarinhos e o característico macarrão com queijo ralado ou com suco, isto é, o molho da carne estufada. Tudo isto regado com o puro e genuíno vinho Barbera ou Chianti.

Na tarde de um ridendo domingo primaveril fomos os quatro amigos em «tranvia» dar um passeio às povoações limítrofes da cidade, como Temperley, Lanús, e outras, e na volta, como estava previamente combinado, viemos jantar à afamada «Fonda del Cocodrilo».

Salão amplo e comprido, dividido em dois, por cascos de vinho importado da Itália e pelo balcão que separava as prateleiras com bebidas engarrafadas e outras coisas próprias para os gastrónomos e bebedores e, perto, a cozinha.

Na parte do salão de entrada, em compridas mesas sem toalhas e em bancos toscos, encontrava-se sentada uma heterogénea

do consumidor. Contudo, nem sempre sucede assim. São do Sr. Ministro estas palavras:

— «Direi mesmo é imperativo e dever — de fixar as tarifas no nível mais favorável ao consumidor e de incentivar as aplicações eléctricas mais úteis às colectividades».

Logo, tudo vem confirmar a nossa expectativa e a nossa ansia de perfeição ante os magnos problemas vitais da economia nacional, que devem ser sempre estudados de molde a beneficiarem os aglomerados e sua economia.

Aplicue-se, portanto, o capital particular no fomento agro-industrial e eléctrico e acelere-se velozmente tudo quanto for necessário para o mais rápido e progressivo ressurgimento económico da Nação.

E então, caminharemos para uma vida melhor, desejo congénito da grei, que trabalha, luta, espera e crê no resplendor venturoso do futuro.

E por hoje, caros leitores, ficaremos por aqui, prometendo continuar se o tempo e a saúde nos permitirem.

A. B.

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« **A MUNDIAL** »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

Quadras soltas

I

*O coração da mulher
É uma fogueira que abrasa,
Dum amor nasce outro amor
E só pára quando casa.*

II

*O meu peito é um roseiral
Onde há rosas encantadas;
Mas para a Virgem Maria
Outras há mais perfumadas.*

III

*Anda amor! Salta a fogueira...
Eu não te deixo queimar...
Dá-me os teus braços... rodemos...
Dancemos até cansar!*

IV

*Episódios já passados
'Inda marcam minha vida...
Saudades são sempre amargas,
Numa estrada perdida...*

V

*Nas lindas margens do Cávado
Vejo o rio a balouçar...
Com ele vão minhas penas
Para o mar as afogar.*

Barcelos/1954 Ana do Espírito Santo

meiro prato, mandamos perguntar ao homem do realejo quanto levava por tocar tudo o que tivesse no reportório e se tinha alguma peça portuguesa. Respondeu que levava dois pesos pela hora da música e que de *Portucalo* só tinha a *Maria da Fonte*. Mandamos que principiasses pelo nosso popular hino e que tocasse tudo a seguir.

Foi um nunca acabar de tarantelas napolitanas, do hino de Garibaldi, muitas vezes repetido, porque o reportório não dava para muita variação.

Os comensais do primeiro salão, carregadores do cais, em trajes domingueiros, davam ao homenzinho da perna de pau, de vez em quando também alguns centavozinhos, de forma que a nossa resolução foi bem recebida e, para o homenzinho, rendosa.

(Continua no próximo número)

PÁGINA DESPORTIVA

(Continuações da página 6)

Algumas considerações e uma ideia

levaram a que o Gil Vicente, com o sacrifício de alguns e o bairrismo de outros, também fundasse a sua secção, que se tem mantido autónoma.

É aqui que a coisa passa a não estar certa, porque ocasionou uma dispersão de valores.

O que importa é criar um grupo selecto, uma equipa consciente, um team equilibrado de valores.

E para isso que é necessário fazer? Simples e pronta resposta:

A fusão das secções de oquei em patins do Gil Vicente e do Oquei Clube de Barcelos, num clube único, que por direito de conquista por ser o introdutor e primeiro praticante da modalidade no Concelho, pela simpatia que sempre irradiou, deve ser o Oquei Clube de Barcelos.

Poderá a muitos parecer que assim não devia de ser, por tais e tais razões, que as conhecemos de sobra.

Mas, perguntem aos sensatos, faça-se um inquérito, e chegar-se-á com facilidade à seguinte conclusão.

Unam-se as duas forças, combinem-se as duas secções e ver-se-á surgir, como um bloco, uma força 10 vezes mais forte, com reais possibilidades e proveito uniforme.

Sugerimos, portanto, uma reunião das Direcções das duas secções de oquei em patins, do Oquei Clube de Barcelos e do Gil Vicente, na qual e debaixo do elevado princípio de alto sentido desportivo, se debateriam todos os pormenores, para que essa fusão seja encarada como in-

vitável para o engrandecimento da cidade e prestígio da modalidade.

Avante, pois, por Barcelos.

J. F.

O Oquei do Mês

3.ª Jornada

Vitória 2	Oquei 2
TEBE 4	Famalicão 1
Vianense 15	Gil 0
Taipas 1	Académico 3

4.ª Jornada

Oquei 1	Vianense 7
Famalicão 2	Vitória 2
TEBE 4	Taipas 5
Gil 0	Académico 15

5.ª Jornada

Académico 3	Oquei 2
Vianense 8	Famalicão 1
Vitória 6	TEBE 4

6.ª Jornada

Oquei 6	Gil 3
Famalicão 3	Académico 2
TEBE 1	Vianense 3

7.ª Jornada

Taipas 8	Oquei 4
Gil 0	Famalicão 3
Académico 7	TEBE 0
Vianense 3	Vitória 2

Classificação Geral

	J	V	E	D	F.C	P
1.º-Vianense	7	6	1	0	44-8	13
2.º-Académico	6	4	1	1	32-10	9
3.º-Vitória	5	2	2	1	20-13	6
4.º-TEBE	7	3	0	4	26-25	6
5.º-Taipas	5	3	0	2	18-19	6
6.º-Famalicão	7	2	2	3	18-25	6
7.º-Oquei	7	1	2	4	23-33	4
8.º-Gil	6	0	0	6	6-56	0

Lamentamos não figurarem nesta classificação os resultados em atraso, mas a sua tardia realização e a necessidade do envio de original para a tipografia impediram a sua inclusão na tabela.

Big

CURIOSIDADES

CÚMULOS

Do Maneta: *Ter um assunto entre mãos.*

Do Sapateiro: *Fazer botas para um pé de vento.*

Do Agricultor: *Cultivar a amizade.*

Do cirurgião: *Amputar um braço de mar.*

Da precaução: *Resguardar-se dos ares da família.*

Da construção naval: *Blin-dar um barco com o metal da voz.*

Da tinturaria: *Tingir de amarelo o Mar Vermelho.*

Algumas máximas sobre a poesia

A poesia, na sua acepção ampla e verdadeira, é o antever de muito longe, o ousar donado, o cravar olhos no sol do ideal sem trepidar e ver no homem, tão claramente como o corpo que pede pão e vestido, um espírito que exige luz, um coração que só de amores se alimenta.

CASTILHO

A poesia é a música do sentimento; o canto a música da palavra.

MONTEGAZZA

A poesia não tem presente: ou é esperança ou saudade.

CAMILO C. BRANCO



Nossa Senhora Na História de Portugal

Por Marla Lúcia Baptista

FALAR de Nossa Senhora na História de Portugal é um tema fácil, porque Ela está presente em todos os actos da vida deste povo crente e destemido, que, arrumado por Deus no extremo ocidental da Europa, daqui partiu, um dia, para «dar novos mundos ao mundo».

Portugal surgiu, como Nação independente, ajoelhado, aos pés da Virgem, em acção de graças. Nos seus altares fez o juramento solene de, por a Mãe de Deus, dar a vida em defesa da Sua Honra ou para Sua Glória.

Qual cavaleiro medievo, Portugal, surgiu, independente, forte e vitorioso, empunhando a espada com uma das mãos e com a outra apertando o Rosário, religiosamente ao coração.

A Virgem Maria acorria o povo nas horas trágicas da guerra, nas noites sombrias da reconquista, e, a Ela, acorria nas madrugadas claras de vitória, ébrio de entusiasmo, louco de fervor, cantando e rezando orações agradecidas.

O País ia crescendo e, em cada nova terra, arrebatada ao infiel, surgia, em breve, um templo votado a Maria Santíssima.

São igrejas majestosas, como Santa Maria de Alcobaça, Santa Maria da Vitória — a Batalha, Santa Maria de Belém e tantas outras ricas e imponentes também; são capelinhas pequeninas, humildes, alvejando por entre pinheirais, na encosta do monte, ou brilhando, como farol de verdadeira Luz, no alto de rochas escarpadas, nos terrenos montanhosos das serranias do interior.

Nossa Senhora esteve sempre presente na História de Portugal, olhando com amor e carinho este povo rude e bravo que, nos campos de batalha, ajoelhava, em preces fervorosas, antes de começar a luta. Nossa Senhora velou maternalmente este povo aventureiro, que, em caravelas frágeis, arrostou o Mar Tenebroso e as tempestades medonhas dos climas desconhecidos, para alargar o domínio da Cruz Redentora.

A nossa História é povoada de lendas místicas encantadoras, que, se não são uma verdade

comprovada, são, pelo menos, um testemunho valioso do amor e da fé da nossa gente à Virgem Maria.

Nossa Senhora, ao longo dos oito séculos de História, tem acompanhado docemente a nossa Pátria, nela fazendo desabrochar Santos que A amaram, poetas que, em versos lindos, cantaram as suas graças, e heróis que, em rasgos de entusiasmo, encheram de glória a Terra de Santa Maria.

Os nossos reis e rainhas muitas igrejas ergueram à Mãe de Deus, ora em acção de graças por alto benefício recebido do céu para a Pátria, ora, como súplica, invocando o seu auxílio em momentos sérios e graves da vida nacional.

Quantos mosteiros surgiram no País sob a invocação de Nossa Senhora com o objectivo de fazer mais larga caridade entre os pobres e os desamparados das leis!

A devoção a Nossa Senhora vem pois dos tempos mais remotos na Terra Portuguesa. Tanto o povo simples como os reis, os grandes senhores e os missionários, sempre todos invocaram o nome da Senhora com tal amor e respeito que, enfim, um dia, Ela, desceu à Terra de Portugal, ao meio do seu povo escolhido — FÁTIMA.

São inúmeros os factos históricos comprovativos do amor dos nossos antepassados a Nossa Senhora.

A vida do nosso primeiro rei, Afonso Henriques, tem à sua volta o perfume de uma lenda a emoldurar de beleza o nome do guerreiro audaz, que retalhou milhares de mouros nas lutas cruéis da reconquista cristã. Diz-se que, ainda, de tenra idade, o Príncipe Afonso fora tolhido por grave mal, que lhe entorpecera as pernas.

Noite de tristeza inconsolável e de angústia inunda o coração dos portugueses que, ansiosamente, esperavam uma oportunidade de proclamarem a independência e viam, por terra, os seus planos, sem um príncipe forte e saudável à frente do pequenino Condado.

(Continua na página 5)

Noções rápidas da vida e obra de

ALMEIDA GARRETT

FOCAR Garrett, no seu mundo literário, não é missão vulgar, nem, tão pouco, convidativa. Não só porque a obra do insigne escritor ultrapassa, de longe, a banalidade, mas também porque o tema tem sido tratado, esmiuçado e especulado por alguns dos tantos que ousam embrenhar-se no matalgal das ideias e conceitos literários.

João Leitão da Silva, nascido na cidade Invicta a 4 de Fevereiro de 1799, era filho de António Bernardo da Silva e Ana Augusta Almeida Leitão.

O apelido Garrett começou-o a usar o polígrafo somente a partir de estudante em Coimbra. Supunha ele que o apelido era pertença da sua remota origem, que ele pensou encontrar na Irlanda através da família dos «Gerott».

A família de Almeida Garrett era açoreana.

*

Garrett só começou a notabilizar-se em Coimbra depois, de ter composto as tragédias Mérope e Catão. E a acção de escritor e de político só a pôde erguer verdadeiramente após o bacharelato em direito, quando segue rumo a Lisboa e aí começa a dispender as suas energias intelectuais, interessando-se de uma maneira activa pelos problemas sociais através do liberalismo que há-de depois ser a causa das suas múltiplas deportações.

Quando da «Vilafrancada» em que o constitucionalismo é derrubado para dar lugar ao absolutismo, Garrett, teve de emigrar, com o coração repassado de dor e de saudade (Junho 1823).

Longe da Pátria escreveu os belos poemas CAMÕES e D. Branca, que revolucionaram a literatura nacional com a introdução duma nova concepção literária — o ROMANTISMO.

O Poema «Camões» tem versos que nos encantam pelo tema e pela ideia que galvanizam, como também pela verosimilhança da vida romantizada de Luís de Camões, sem atender e se preocupar, contudo, com as verdades históricas. Embora vários críticos se atrevessem a maldizer de «Camões» o que é certo porém é que a obra continua a ser respeitada, pois toda ela é expressão altiva dum lirismo que não tem paralelo no seu tempo. O poema começa assim:

*«Saudade, gôsto amargo de infelizes,
Deliciosa pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dores que os seios d'alma dilacera
— Mas dor que tem prazeres! — Saudade!
Misteriosa númen, que avientas
Corações que estalaram e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas! — Saudade!
Mavioso nome, que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sicambros
Destas alheias terras! — Oh saudade!
Mágico númen, que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitário amigo».*

.....

Após um exílio que o tortura, só pode regressar à Pátria quando a morte chama para sempre D. João VI (10/3/1826). De novo em Portugal, publica dois jornais — o Português e o Cronista, sendo o primeiro suspenso pela política e Garrett metido no Limoeiro.

Deixemos todo o resto do seu panorama político e entremos, pròpriamente, na obra renovadora, que vem engrandecer a

SORTEIO «TEBE»

No próximo número do nosso «Boletim» daremos informações concretas deste grandioso sorteio.

nossa literatura, quer no teatro, quer na poesia, quer ainda no romance.

O orgulho de Garrett, por indomável e inato, era quase uma vaidade, pois, senhor consciente do seu valor, tinha prazer de se erguer com estabilidade sobre o mundo intelectual das pessoas que mais o rodeavam.

A elegância era um pensamento constante do janotismo de Garrett. Tinha o culto de vestir bem e com gosto. Sentia a volúpia de se narcizar e engrandecer, o que, por vezes, o diminuía um pouco. A vaidade era o seu fraco.

Contudo o valor formativo e estético da obra de Garrett caminha sempre pleno de ideia e de beleza no mundo das suas páginas, tão palpitantes de lirismo, tão ébrias de inspiração, que alguém acertadamente ousa comparar Garrett a Goethe.

Entre as obras de Garrett queremos salientar, talvez por uma questão particular de simpatia, o «Frei Luís de Sousa» que, por ser tão humano, será eternamente admirado e compreendido. Pois bastaria só, Garrett, ter escrito esta obra, para o seu nome perdurar para sempre na história da nossa literatura. Mas não! Garrett escreveu mais, legando à Pátria um «Auto de Gil Vicente», «D. Filipa de Vilhena», o «Alfageme de Santarém», «O Arco de Sant'Ana», «Viagens da Minha Terra», «O Romanceiro», «Folhas Caídas».

Vamos dar alguns versos das «Folhas Caídas»:

*Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos;
A deserta árida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.
.....
.....
Inda ali acaba a terra,
Mas já no céu não começa;
Que aquela visão da serra
Sumiu-se na terra espessa
E deixou nua a bruteza
Dessa agreste natureza.*

Garrett inaugurou em Portugal, com a sua obra literária, o elo que ligaria o presente com as tradições nacionais.

Garrett foi bem o símbolo do romântico e do janota de toda a sua geração. Mas para falar de Garrett, com verdadeira propriedade, só a sua obra o pode fazer com justeza. Muito havia ainda para dizer de Garrett, muito havia para recordar de Garrett; mas as selectas falarão por ele e ele será falado sempre enquanto a alma portuguesa souber sentir.

Nossa Senhora Na História de Portugal

(Continuação da página 4)

Porém, uma noite, — conta a lenda — Egas Moniz foi despertado por uma voz celestial, a da Virgem do Céu, que lhe dizia para ir imediatamente a determinado local e cavar até nele encontrar um altar, sobre o qual deveria poisar o pequenino Afonso Henriques. Logo Egas Moniz se desempenhou da incumbência misteriosa e miraculosamente o Príncipe melhorou, tornando-se com os anos, um homem forte e saudável, que nem os combates mais duros nem as privações da guerra faziam esmorecer.

Verdade ou não, o que é certo, é que Afonso Henriques foi devoto sincero da Mãe de Deus, a Ela consagrando o majestoso templo de Santa Maria de Alcobaca.

Também em Aljubarrota, naquela memorável tarde de 14 de Agosto de 1385, D. João I supplica à Virgem a sua protecção em hora tão grave e tão incerta, como aquela, em que o destino duma Pátria ia ser decidido por um diminuto número de homens dispostos a morrerem gloriosamente numa luta desigual. Ali mesmo, no campo de batalha, promete D. João I que, se sair vencedora a hoste lusitana, mandará erigir um grandioso monumento em honra de Santa Maria. Desse voto surgiu a maravilha architectónica da Batalha, onde em rendilhados de pedra e em pormenores delicadíssimos, para sempre ficou simbolizada a devoção de Portugal à Virgem Santa. Monumento de Beleza, de Sonho, de União Religiosa, onde cada coluna, cada capitel, cada altar, cada pórtico, cada arco, cada corochéu, é a materialização eloquente do grande amor dos Portugueses à sua Mãe do Céu.

Nunca, pois, os reis de Portugal deixaram de invocar a Virgem Maria como o mais valioso Auxílio nos seus empreendimentos arrojados...

Quando na manhã esperançosa de 28 de Julho de 1497 a armada portuguesa larga do Tejo seguindo o rumo obscuro das famosas terras da Índia, D. Manuel promete que, se a viagem tiver um resultado feliz, naquela mesma praia do Restelo, a célebre praia das Lágrimas, será erigido um magnífico mosteiro a Santa Maria de Belém.

A promessa foi cumprida e o mosteiro dos Jerónimos é o padrão imerrodadoiro do valor, da coragem, da audácia e da Fé dos Portugueses. Os Jerónimos são um símbolo dos sacrifícios sublimes e heróicos que, pela Pátria, em todos os tempos, Portugueses praticaram. Nas nave majestosas dos Jerónimos,

os seus claustros, ricos e delicados, parece que ressoam as estrofes maravilhosas dos Lusíadas, tanto aquele ambiente requintadamente manuelino e português recorda o poema de Camões. Foram idênticos os motivos que criaram essas duas obras imortais — perpetuar as glórias de Portugal.

A Virgem Maria continua presente na história portuguesa, mesmo em 1580 quando Portugal, esgotado, perde a sua independência, porque é aos pés de Maria que os bons portugueses buscam lenitivo para as suas amarguras.

Sessenta anos de lágrimas e privações, de sacrifícios e promessas que Nossa Senhora ilumina com a manhã vitoriosa de 1 de Dezembro de 1640.

O primeiro gesto do fidalgo D. João IV foi, com todo o povo, agradecer à Mãe de Deus a sua protecção bendita.

Os reis de Portugal não mais usarão a coroa, símbolo do seu poder real, porque doravante ela ficará a coroar a Imaculada Conceição, Padroeira da nossa Terra, Rainha para sempre deste povo crente e simples.

E, para este povo crente e simples, não há momento alegre ou triste na vida de cada um que não possa, numa prece agradecida ou num grito de dor invocar o Santo nome de Maria: — Senhora dos Aflitos, Senhora do Alívio, Senhora das Angústias, Senhora da Saúde, Senhora Auxiliadora, Senhora da Boa Viagem, Senhora da Boa Morte, Senhora dos Navegantes, Senhora do Livramento, Senhora da Agonia, Senhora do Leite, Senhora do Bom Sucesso, Senhora do Fastio, e tantos mais, são os nomes diversos porque a mesma Nossa Senhora é chamada pelos seus filhos.

Portugal inteiro reza com devoção profunda a Avé-Maria; mas o nosso bom povo anda, também, a todo o momento, com o nome da mãe de Deus, nos lábios — Valha-me Nossa Senhora — Nossa Senhora nos acuda — expressões tão pequeninas, mas que englobam um mundo de fé e revelam essa devoção à Virgem Santa, que tão arreigada está na alma de todos.

Fátima é o altar do mundo e o sacrário de Portugal. Em Fátima, todos os anos, a Virgem do Rosário acolhe maternalmente o povo inteiro de Portugal, que a Ela vai confiar as suas amarguras e o seu sofrimento, pedindo-Lhe numa súplica dorida, numa manifestação comovente de Fé, que continue a amparar carinhosamente a Pátria Portuguesa.



Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

O Oquei do Mês

TERMINOU a primeira volta do campeonato regional, com o Vianense a comandar a classificação geral, seguido de perto pelo Académico. O Vianense continua a ser um adversário difícil, se bem que as suas actuações não tenha revelado muito progresso técnico e tático. Dá-nos a impressão que a equipa paralizou, e não acompanhou a subida de forma de alguns dos competidores.

O Académico com as aquisições de atletas do Sporting de Braga, elevou um pouco a capacidade, e poderá vir a ser um entrave às aspirações do Vianense.

Taipas e Vitória são duas equipas que continuam a animar a prova, e constituem sempre um obstáculo, pois superam a falta de técnica com um jogo duro, que por vezes dificulta o trabalho do adversário e sai um pouco do que devia ser permitido.

O Famalicense, é um conjunto com resultados incertos, e, quanto a nós, ressentido da falta de jogadores à altura da prova.

O melhor sustentáculo da sua equipa é sem dúvida o guarda-linha.

Quanto ao Oquei Clube de Barcelos atravessa um período de crise, e alguns dos atletas não dão por vezes o rendimento que seria de desejar. Falta de treinos? Abaixamento de forma física? Não o sabemos, no entanto desejaríamos imenso que o Clube voltasse a adquirir boa forma.

O Gil Vicente é o Clube mais fraco do campeonato. Uma das principais razões reside na carência de atletas, defrontando assim um problema de difícil solução.

O nosso Clube tem tido uma actuação muito regular nesta primeira volta e se não fora a manifesta infelicidade, que nos acompanhou na 4.^a e 5.^a jornadas, ocuparia agora um lugar de destaque.

Cabe-nos para já o 4.^o lugar e esperemos que na 2.^a volta se recupere, aquilo que na 1.^a perdemos.

Os resultados dos jogos já realizados são publicados na página 3, bem como o quadro da classificação geral.

DESPORTOS

Algumas considerações e uma ideia

UMA modalidade desportiva tem tantos mais praticantes, quanto maior for o meio onde se pratica.

Por outro lado, os seus adeptos serão tanto mais «carolas», quanto maior for o nível técnico e tático atingido.

Isto dá-se em todas as modalidades. No futebol, por exemplo, a maior parte dos sócios dos grandes clubes, são-no porque a sua secção está mais desenvolvida, porque os seus praticantes são «ídolos» conhecidos de todos, porque é um desporto universalmente praticado, etc., etc... No entanto, há outras que praticadas por esses mesmos clubes, raras vezes atingem a craveira máxima, porque pertencem aos chamados desportos pobres.

Quer queiram, quer não, o Andebol, o Oquei em Patins e outros desportos são pobres, muito embora as suas Associações ou Federações guardem nos cofres saldos regulares, incomparáveis, no entanto, com os produzidos pelo desporto rei.

De qualquer maneira, um clube só deve praticar essas modalidades se a sua Direcção puder retirar do desporto principal e para o qual incidem as maiores canseiras e preocupações, uma grande soma de boa-vontade e dedicação; o suficiente para as apetrechar convenientemente, tanto em material como em atletas, pois nem só aquele é difícil de conseguir.

Não querendo enveredar por outro caminho, senão o do amorismo puro, devemos aqui testemunhar quão difícil é conseguir, por exemplo, 6 ou 7 jogadores uniformes para formar uma equipa de basquetebol, 4 ou 5 elementos para uma de voleibol e 5 ou 6 atletas para um grupo de hoquei em patins.

Conheço um Clube que vem há 6 anos preparando uma equipa, sempre com os mesmos elementos, sempre com o mesmo orientador e que hoje está a comandar um Torneio, no qual participam clubes de grande cartaz.

É necessário, pois, antes de tudo, recrutar elementos e desbravá-los, fazê-los, acompanhá-los e então lançá-los.

Num meio pequeno isso é tanto mais difícil, quanto menores forem os seus recursos, no que se refere a praticantes, orientadores e directores conscientes.

Isto tudo vem a propósito de se verificar que numa cidade como Barcelos, onde é exíguo o ambiente para organizações de grandes lucros se mantêm 3 clubes praticantes da modalidade mais representativa do desporto nacional — o oquei em patins.

Um dos Clubes está bem integrado, pois além de poder ser amanhã um alfôbre de atletas, tem possibilidades de efectuar metódicamente treinos e preparar duas ou três equipas, com vista às reservas e júniores. Por outro lado os seus recursos são quase ilimitados se pensarmos que é nas boas organizações industriais que se vai procurar o método e a disciplina atlética, e ainda porque os Directores desses Clubes, são funcionários competentes e dedicados pois nem de outra maneira se compreenderia o seu lugar directivo.

Sobre os dois outros Clubes, é lamentável verificar-se uma dispersão de valores, que agrupados e orientados por um praticante sensato e conhecedor profundo da modalidade, poderiam vir a conquistar posição de relevo no oquei minhoto.

Foi para isso que tanto se trabalhou em Barcelos. Dado que não havia clube praticante, foi fundado o Oquei Clube de Barcelos. Porém, a dissidência, a incompreensão, a inveja e até a maledicência, pois se fosse rivalidade até seria agradável,

(Continua na página 3)

GALERIA DOS ATLETAS

Pouco a pouco virão desfilar nesta secção os atletas do C. D. da TEBE

É uma homenagem simples mas sincera que lhes prestamos, pelo esforço e dedicação com que sempre têm defendido as cores do nosso grupo.

Com a fotografia e um questionário bem simples, vamos apresentar aos nossos leitores e amigos um rapaz que todos conhecem e que é o elemento mais novo da equipa de honra do Clube Desportivo da TEBE.



Nome: António Augusto Matos Carvalho.

Idade: 18 anos.

Clube onde iniciou a actividade: Oquei Clube de Barcelos na categoria de júnior.

Lugares que já ocupou: avançado e médio.

Qual o lugar que prefere: avançado e direito.

Que jogo lhe deixou melhores impressões: contra o T. O. Clube de Taipas em que ganhamos por 10-9.

Projectos para o futuro: progredir cada vez mais, e contribuir com o meu esforço para um maior progresso do meu grupo e do oquei minhoto.

Ajudar os Clubes desportivos, é contribuir para um melhor rejuvenescimento da nossa mocidade.

Um bom atleta deve respeitar sempre o seu adversário.

Fábrica Barcelense

DE

João Duarte & C.^a, L.^{da}

é a fábrica do bom gosto ao serviço
dum Portugal maior

As peúgas desta casa têm um acabamento inconfundível

Fábrica de Malhas do Ameal, L.^{da}

As meias de NYLON e seda que a mulher distinta calça são exclusivo desta fábrica modelar

Bom gosto, distinção e esmerado acabamento são o atributo destas meias de grande duração

PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANUNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

Sapataria Cunha

A Sapataria distinta que serve um público distinto a preços sem concorrência.

Calçar da **SAPATARIA CUNHA** é saber calçar... porque calçará bem.
Em **BARCELOS** — no Largo da Calçada

A Casa do Café,

tem um sortido finíssimo e esmerado de especiarias e outros artigos congéneres.

O café da **CASA DO CAFÉ** tem um paladar que fica.

É aromático e bom. Abençoado café.
RUA D. ANTÓNIO BARROSO

FIL

Um nome grande
a fiar
para um Portugal
maior

Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba... Oiro em casa é um tesouro... No «Alfredo Pinto Lomba» Troca o dinheiro por oiro.

As malhas TEBE são padrões de beleza.

Impõem-se pela riqueza dos seus produtos manufacturados e pela perfeição do seu corte.

O acabamento não tem rival. Preferi-las é saber escolher.

SAMETIL — Um medicamento ao serviço da pele. Para eczemas.

Vilas Boas & Irmão, L.^{da}

Uma casa moderna ao serviço da elegância e da moda

Sempre padrões originais

PREÇOS CONVIDATIVOS — VENDE BARATO PARA VENDER MUITO

Tem alfaiate privativo de corte impecável

Em **BARCELOS** (Em frente ao Banco N. Ultramarino)

CASA CUNHA

DE

Félix Luís da Cunha

Uma sapataria de gosto distinto ao serviço do bom gosto e comodidade.

Calçar da **Casa Cunha** é calçar bem

Móveis Teles

BARCELOS

Uma casa de bons móveis, lindíssimos estilos preços sem competência.

Manuel da Costa Ferreira Teles

Avenida Dr. Oliveira Salazar

Execução rápida e perfeita de qualquer género de trabalho
TIPOGRÁFICO

Tipografia Vitória

RUA GOMES FREIRE, 48

TELEFONE 8428

BARCELOS

AS «ALMINHAS» O VATICANO

Por JAIME FERREIRA

POÉTICA DEVOÇÃO

DA ALMA CRISTÃ PORTUGUESA

(Continuação da página 1)

também aqui no Norte insuflou um carisma caracterizado numa senhora de boa estirpe, quanto ao sangue e aos primores do coração. É a Senhora D. Sara Cardoso, da casa da Lage, freguesia de Fregim, concelho de Amarante, fraterna da glorificada apóstola D. Sílvia Cardoso, que Portugal inteiro venera em saudade bem viva.

Pois D. Sara Cardoso há muitos anos já que se dedica ao formoso apostolado dos nichos que o povo denomina *Alminhas*, tão poéticos, tão puros, tão ingéniosos, tão lindos alguns. Fez-se arauto das Almas. E como que toda vive no estremecimento e exaltação da ideia religiosa e lusíada que a empolga e com a qual não desiste de contagiar os outros. Sacerdotes, que não apenas os fiéis simples, são espicaçados pela unguida e deliciosa obsessão daquela alma feminina, verdadeira encarnação da mulher cristã portuguesa.

Quantos nichos não restaurou ela e quantos não foram restaurados por sua influência directa ou indirecta. Quantos não têm sido erguidos em lugares onde jamais existiram, às vezes encastoados em pedaços poéticos e bucólicos de paisagem, ou relevados e encaixilhados por prédios bons do centro de povoações. Quantos estão embutidos nas paredes dos edificios particulares ou até públicos, como no do convento de S. Gonçalo de Amarante, onde ainda se mantêm anacrónicamente instaladas as repartições públicas. Tem beleza e majestade o que a nobre Senhora mandou erigir num largo, em frente à sua casa da Lage, em Fregim, à beira da estrada camarária que de Amarante vai para Vila Meã. Igualmente realçado e com fundo frondejante, é o sito perto da Casa e na quinta da Pena, em Vila Caiz, a dominar a estrada de Amarante à Livração.

Na Serrinha, lugar progressivo e miradouro de magnífica paisagem de Entre Douro e Minho, na freguesia de Santão, do concelho de Felgueiras, fruto do entusiasmo do pároco e devoção do pároco e fiéis, ergue-se um monumentozinho, entre primores de vegetação, num redondel à beira da estrada nacional do Porto a Amarante e Felgueiras, que justamente é considerado um dos nichos de *Alminhas* mais belos de Portugal.

Hoje os azulejos por toda a parte substituem com vantagem de duração e por vezes de arte

os antigos *frescos* ou pinturas na calça.

Por Amarante, Marco de Canaveses, Felgueiras, Lousada e Penafiel e a alastrar por concelhos limítrofes vai um fervor de restauração e de novas erecções dos minúsculos santuários, despertadores da devoção piedosa das *Almas*.

E cabe boa parte e muito louvor àquela Senhora, por mercê da qual muitos milhares de missas já foram, estão sendo e serão celebradas em sufrágio das benditas *almas*.

Mandou fazer mealheiros a fábricas de cerâmica para a recolha de esmolas e donativos, os quais, por toda a parte, espalha em profusão. Mandou imprimir postais, cartões, sobrescritos e papéis para carta com estampas dos mais bonitos nichos da região e dizeres piedosos, em prosa e verso, e diligência a sua difusão no mesmo intuito. Milhares já ela gratuitamente fez correr, alentada sempre pelo mesmo fogo.

Bendita paixão, bendito apostolado, que além de piedoso e cristão e, por isso mesmo, é muito português. Tudo o que actue em prol da espiritualidade pura do povo é benvindo e esta manifestação vem já do fundo dos séculos.

Francisco de Babo

Londres e as suas feridas

(Continuação da página 1)

A Igreja dos Templários, montanha de ruínas, põe a nú todo um passado gigantesco em que a Inglaterra, poderoso império, dominava o hemisfério.

E tudo caminha numa incerteza maior, olhando, de quando em vez, as ruínas próximas da guerra de ontem.

Hoje, porém, a «City» continua a ser cem por cento britânica e os ingleses os mesmos; as crenças iguais; a adoração pela rainha eterna... e o culto pelas tradições inapagável. São assim os ingleses e sempre foram assim.

E enquanto o mundo for mundo, e as Ilhas Britânicas dos ingleses, estes nunca trocarão o seu idioma, porque um egoísmo íntimo persiste nelles, tal como o clima e situação geográfica.

Hoje o chá das cinco faz parte integrante da vida de todos os dias; mas antes, porém, todo um povo cumpriu,

A Cidade-Estado mais pequena do mundo

PROPÕE-SE o «Boletim Social da Tebe» mostrar aos seus leitores, numa curta série de artigos, uma rápida visão do que é a cidade pontificia.

No momento em que a Igreja Universal vai elevar à dignidade dos altares, um dos seus mais prestigiosos representantes na terra — o Papa Pio X — no dizer de muitos dos seus biógrafos — o Santo Padre dos pobres, cremos prestar uma colaboração, embora singela, evocando uma saudação célebre dos Cadetes de Anapolis ao seu Ilustre sucessor, o Papa XI.

Pretendemos mostrar, numa linguagem simples o que é a Cidade-Estado mais pequena do Mundo.

Estas notas foram respigadas do National Geographic Magazine e foram compiladas para os nossos leitores pelo nosso colaborador

J. F.

No ano da canonização de Pio XI

O VATICANO

Quando Numa Pompílio, o profético rei da lendária Roma, 600 anos A. C. escolheu uma eminência da «cidade eterna» para lançar ao povo seus oráculos ou vaticínios (supostas mensagens dos deuses) dificilmente poderia adivinhar que uma parte relativamente minúscula da colina vaticana tornar-se-ia, no decorrer dos séculos, uma «Cidade-Estado» internacionalmente reconhecida e possuindo os caracteres dos impérios, reinos e repúblicas: geográfico, político, civil e diplomático.

A colina que começa no Janiculum e termina no Monte Mário não era um dos famosos sete

Este número foi visado pela Comissão de Censura

com uma disciplina inigualável um mundo de privações a que não estava habituado.

E a Inglaterra de hoje trabalha e luta ajudando-se a si mesma numa restauração que se vai completando dia a dia.

outeiros de Roma e excedia mesmo os seus primitivos limites.

Ocupando somente o espaço que seria necessário para um campo de golf de 18 orifícios, é o Vaticano, territorialmente, o menor Estado soberano do Mundo. O Principado de Liechtenstein, com 65 milhas quadradas, e a República de San Marino, com 38, parecem enormes perante ele...

Também o Principado de Mónaco, com 370 acres, supera-o em área.

A despeito de sua precária dimensão, de 108,7 acres, abrange o Vaticano, dentro dos seus limites a maior Igreja do mundo, a Basílica de S. Pedro e notáveis palácios com milhares de dependências. Pio XI, ao ensejo do tratado de Latrão, assinado há anos, não vacilou em afirmar:

— Este território é pequeno, na realidade, mas podemos considerá-lo, sem dúvida, o mais notável do mundo, se contarmos nele a colunata Berliini, as obras de Miguel Angelo, os tesouros de arte e de ciência dos seus jardins, das suas bibliotecas, das suas maravilhosas galerias, além do túmulo do Príncipe dos Apóstolos.

Desde 1870 (ano em que se verificou a unificação política da Itália), até 1928, o Sumo Pontífice era mero hóspede em seus próprios domínios, um prisioneiro voluntário que jamais abandonava o Vaticano, tornando-se «intra-muros», uma figura quase inacessível à curiosidade profana.

O próprio Vaticano era propriedade do governo italiano, que facultava o seu uso residencial ao chefe da Cristandade. O célebre litígio, que, durante quase 60 anos, manteve acesa a controvérsia entre o Quirinal e a Santa Sé, foi solucionado por Mussolini, em 1929 com a assinatura de três documentos históricos: um tratado, uma concordata e uma convenção financeira. O ponto principal do tratado de Latrão é aquele que estabelece o reconhecimento efectivo da soberania papal dentro dos limites do Vaticano. O governo de Itália não pode intervir de nenhum modo em seus negócios internos, submetidos à inteira Jurisdição do Sumo Pontífice. No que respeita ao Direito Internacional, a Itália reconhece o Serviço Diplomático do Vaticano, com suas relações perfeitamente definidas e estabilizadas. Actualmente são em número de 39 os países que mantêm relações diplomáticas com a Santa Sé.

A seguir: Castel Gandolfo, observatório astronómico e a Guarda Suíça.